

Heloisa Seixas – *O lugar escuro: uma história de senilidade e loucura**Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.*

Bruna Paiva de Lucena

Após a publicação de quatro romances, três livros de contos, uma obra infantil e outra voltada para o público jovem, Heloisa Seixas adentra no universo não-ficcional com *O lugar escuro: uma história de senilidade e loucura*, narrando, em primeira pessoa, a trajetória de enlouquecimento de sua mãe. Em pouco mais de cem páginas, acompanhamos uma filha diante das mudanças de comportamento da mãe – que vão desde fortuitos esquecimentos e confusões até a demência senil, em que o mal de Alzheimer é apenas um dos componentes.

Por meio de uma narrativa fluida, que transita em vários tempos à procura de indícios que talvez expliquem o enlouquecimento, são postos à tona flashes da vivência da mãe. Eles são apresentados pelos olhos ou pelos ouvidos da autora, que passeia, como uma espia em investigação, pela infância, juventude e casamento da mãe.

Nesta busca por compreensão, porém, o desnudar da existência não aflui somente com a mãe, mas também Heloisa se põe diante do espelho. Assim, o foco do livro comporta a relação entre mãe e filha, de forma a não deixar de fora a trajetória da autora diante do enlouquecimento da mãe e do relacionamento difícil do qual não se intimida em falar, mesmo tendo ouvido, sem meias palavras, que era uma filha indesejada. No entanto, a loucura abre espaço à compreensão e ao apaziguamento.

Entremeada à narrativa do definhamento da sanidade da mãe, Heloisa Seixas procura alcançar os possíveis motivos que a levaram a esse “caminho de sombras”. As tentativas de explicação são muitas: o abandono pelo marido, o excesso de generosidade, o auto-sacrifício, a sífilis hereditária, os casos de loucura na família, os choques elétricos da infância ou simplesmente a incapacidade de superar perdas. A autora faz suposições que não têm por objetivo alcançar uma resposta, mas apenas encontrar “fragmentos, pedaços desse quebra-cabeça” (p. 123) a fim de, de alguma forma, aproximar-se da mãe.

Do mesmo modo, a experiência de Heloisa tornar-se escritora é emparelhada à loucura. Para a autora, o fazer literário presentifica-se como forma de exortar assombrações que a habitam e como uma maneira de não enlouquecer, já que os escritores, assim como as crianças e os loucos, adivinhariam coisas, ou diriam o que talvez deveriam esconder. Desta forma, a composição literária, para a escritora, é capaz de curá-la e afastá-la da iminência da loucura que a mãe anuncia: “para lá você caminha” (p. 59). Entretanto, a escrita, para ela, não deixa de ser um caminho pela região limítrofe entre a sanidade e a loucura.

Assim, a palavra *loucura* toma vários sentidos no decorrer da narrativa. A loucura que no início do livro apresenta-se como perda da capacidade de viver no mundo, recebe depois contornos diferentes: a capacidade de ver além, de dizer o que não é dito, de adivinhar. Todavia, o silenciamento gradual da mãe – com o avanço da doença em que loucura e senilidade compõem o diagnóstico – afasta mãe e filha, que já não habitam e compartilham uma mesma realidade.

A narrativa de Heloisa Seixas revela, no mínimo, três faces da loucura: a perda da capacidade de viver no mundo; a capacidade de ver, ouvir, sentir além do rés-do-chão; e o espaço para a criação. A primeira ligada somente à mãe; a segunda, compartilhada por ambas, mãe e escritora; e a terceira, destinada exclusivamente à escritora. Apesar de a comparação da loucura da mãe com o fazer literário mostrar-se, até certo ponto, forçada, o que fica para o leitor é a tentativa da autora do reconhecimento de si mesma na figura de sua mãe. Pode-se dizer, em outras palavras, que, na ânsia de compreender o que se passa com a mãe, a escritora traça um paralelo com a experiência que, em sua vivência, mais se aproxima da loucura – a criação literária.